

**CAPELA**

**DA SENHORA  
DA LIVRAÇÃO  
DE FANDINHÃES**

MARCO DE CANAVESES

CAPELA

DA SENHORA  
DA LIVRAÇÃO  
DE FANDINHÃES

MARCO DE CANAVESES



Planta.

## PREÂMBULO HISTÓRICO

A igreja de São Martinho de Fandinhães, de que hoje resta, apenas, a memória do orago, é um exemplo paradigmático das vicissitudes que determinaram a formação e evolução das paróquias/freguesias ibéricas, não obstante o molde que lhes foi imposto por uma certa historiografia. Desde a corrente que apoiou a continuidade, o sincretismo cultural e a rigidez da malha paroquial que devia ajustar-se a circunscrições anteriores (ou delas era herdeira), como Alberto Sampaio e os seus seguidores (Sampaio, 1979)<sup>1</sup>, até à discussão sobre a permanência ou alteração dos oragos patronais que testemunhavam camadas de ocupação antes e depois da Reconquista (David, 1947; Costa, 1959), várias foram as tentativas de formatar o nascimento da paróquia a um modelo comum. A variabilidade geográfica, a interseção de vários fatores (demográficos, económicos) e a intervenção da nobreza laica e eclesiástica condicionaram a generalização. O fenómeno de formação das paróquias é complexo e exige uma análise cuidada, caso a caso<sup>2</sup>. O de Fandinhães/Paços de Gaiolo é particularmente expressivo e não se confina à medievalidade<sup>3</sup>.



Vista geral.

<sup>1</sup> Uma boa sùmula e crítica ao livro e à temática da constituição de paróquias, na ótica dos contemporâneos de Alberto Sampaio, pode ser colhida em Martins (1992: 389-409).

<sup>2</sup> Apenas recentemente a paróquia foi observada na sua totalidade, como espaço onde se cruzam vários interesses. A este respeito ver o texto (que bem pode servir de introdução a esta problemática) de Almeida (1981).

<sup>3</sup> Sobre o pendor excessivo da medievalidade na problemática da formação da malha paroquial, ver o que referimos em Resende (2001).

Implantada a cerca de 500 metros de altitude, afastada dos canais de circulação paralelos aos cursos de água, o pequeno templo de Fandinhães começou por ser uma igreja própria dos avoengos de um arqui-diácono de Viseu cuja progénie, em 1258, detinha o padroado<sup>4</sup>. Assim o esclarece o prelado Mendo Egas, acrescentando que apenas certas propriedades da igreja, situadas entre “Fontanum Covum” e Canaveses pagavam foro ao rei<sup>5</sup>. O topónimo “Fontão Covo” deve corresponder a Fonte da Cova, um dos cumes da serra de Montedeiras, ponto de georreferenciação local, à vista da vetusta igreja de São Martinho. Aqui perto findavam os limites da pequena paróquia, cujos lugares atuais são, na sua maioria, citados nas inquirições afonsinas: Fandinhães ou “Fandiaes”, Ambrões (“Amaroes”), Mourilhermo, Paços de Gaiolo (“Palaciis de Goyal” ou “Goyol”). Será para esta povoação (onde já no século XIII moravam várias testemunhas e onde se apontavam várias propriedades regalengas), que se transferirá a sede paroquial.

A mudança estabelece-se em duas fases: numa primeira, o nascimento de uma ermida titulada a São Clemente, em Paços de Gaiolo, que passa a curato, já referido em 1690; numa segunda fase, a demografia favoreceu definitivamente São Clemente em detrimento de São Martinho, entretanto suplantado por São Brás (e posteriormente pelo culto mariano, no orago da Virgem da Livração). Em 1706 ainda se refere o curato de São Martinho de Fandinhães, mas em finais do século XVIII já São Martinho e São Clemente constituem apenas uma freguesia (Moreira, 1984: 7-86)<sup>6</sup>.

A invocação a São Martinho, quer se trate do de Dume, quer se refira ao bispo de Tours, evidencia a precocidade da cristianização dos *paggi* locais, que bem podia ter irradiado de Tongobriga, a *civitate*. Mas só a arqueologia poderia completar esta hipótese. Entretanto, não passa despercebida a implantação do edifício na sugestiva rechã no extremo de um pequeno promontório que se abre sobre o vale de Roupeira. Aos mentores da Igreja não interessou, porém, orientar a igreja ao espaço humano e agrícola que, pretensamente, São Martinho deveria proteger. A orientação canónica evidencia o cuidado em respeitar, antes de mais, as normas eclesiásticas e a tradição que via em Jerusalém e no nascer do sol o centro de um mundo, ainda que distante.

A transferência para o lugar do “paço” de “Gayol” ou “Goyol”<sup>7</sup>, decerto já em 1258 muito mais apetecível à nobreza e à cobiça dos monges, explica-se por movimentos demográficos,

4 A partir do *Censual do cabido da sé do Porto* ficamos a conhecer parte desses padroeiros. São listados 21 nomes e acrescentam à extensa lista os netos de Pedrayras, Martim Ayras e Afonso Dias. Esta extraordinária prole, que até 1302 comia nos proventos da Igreja de Fandinhães, anuiu nesse ano dar e outorgar o padroado ao bispo do Porto, D. Giraldo (BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Censual do cabido da sé do Porto*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1924, p. 175-176).

5 “Incidit parrochia Sancti Martini de Fandiaes Menendus Egee, prelatu ipsius ecclesie, juratus et interrogatus de jure patronatus, dixit quod nihil ibi habet Dominus Rex. Et dixit quod est de archidiacono de Viseo et de sua progenie. Interrogatus undc habuerunt ipsam ecclesiam, dixit quod de sua avoenga. Et dixit quod ipsa ecclesia tenet hereditatem regalengam Domini Regis, quam ei dederunt ad forum illi maiordomi qui debent dare panem de regalengo quod jacent inter Fontanum et Canaveses” (Herculano, 1936: 1140).

6 No verbete 153 – “Fandinhães” (Moreira, 1984: 69-70), o autor indica as fontes relativas às datas que apresentamos.

7 O autor da *Corografia portuguesa...* narra a origem legendária do topónimo. Dando voz às tradições localistas que exaltavam a importância da terra (que o memorialismo sempre aproveitou até aos dias de hoje), Paços de Gaiolo seria apelido “que ficou de huns Paços, que aqui tinha hum Príncipe Mouro, pay, ou irmão de Gaya, que tambem viveo defronte da Cidade do Porto, aonde assim se chama; & não só o nome, mas o querer ser Beetria mostra que alguma cousa tem sido mais do ordinário” (Costa, 1706: 397). Sobre a beetria de Canaveses ver Igreja de São Nicolau, Marco de Canaveses.



Capela-mor. Retábulo-mor do lado da Epístola. Escultura. São Brás.



Capela-mor. Retábulo-mor do lado do Evangelho. Escultura. São Martinho.

como já referimos. Acima dos 400 metros escasseiam os núcleos humanos. À exceção de Fandinhães, todos os lugares de Paços de Gaiolo situam-se nas vertentes sul e oeste do braço da serra de Montedeiras, por onde ainda atualmente se distribui a maior parte da população desta freguesia. Em 1758, o abade que redigiu a memória paroquial explica claramente os motivos da transferência:

“O orago desta Freguezia hé São Martinho de Fandinhaes e isto por antiguidade, e assim Constetuhido como consta de tradições antiguas; Como porem estava em lugar dezerto e Serra munto aspera achandose já há seculllos huma Ermida de São Clemente em Lugar mais ameno no meyo da Freguezia, que hoje se chama São Clemente de Passos de Gayollo, onde está huma Relliquia do mesmo Santo está a Igreja feita ao moderno” (Carvalho, 1758).

A evolução dos oragos também nos pode elucidar sobre a morte do velho culto martiniano. Efetivamente, ele não deveria corresponder aos anseios comunitários, como São Brás que o suplantou, ou a Virgem da Livração que hoje se venera na atual ermida. Embora a parcialidade da Igreja românica seja uma consequência demográfica quer da Idade Média, quer do período moderno, o culto persistiu na sua capela maior, certamente porque nele subsistiam as devoções terapêuticas que o lugar, exposto aos elementos, estimulava a eclodir. Tomou assim a designação de Capela, denominação popular que equivale a dizer ermida ou pequeno espaço aberto à devoção e uso público.

Sobre o padroado cabe sublinhar o que D. Rodrigo da Cunha afirma em 1302: “os nobres, & povo de S. Martinho de Fãdinhães, deram o padroado da dita Igreja, ao Bispo D. Giraldo, & seos sucessores” (Cunha, 1623: 114). Este passou ao Morgado de Medelo, instituído pelo bispo, que os marqueses de Marialva administravam em setecentos. Em 1758 e segundo o abade de Fandinhães, Manuel de Carvalho, estava nas mãos dos Almirantes do Reino.

No secular, quer Fandinhães quer Paços de Gaiolo integravam o termo do concelho de Benliver e confrontavam a este com o couto de Ancede, a honra da Lage e o termo de Baião; a sul com os concelhos de Cinfães e São Cristóvão de Nogueira (tendo pelo meio o rio Douro). A norte e a poente com Paredes de Viadores e Penha Longa, paróquias do mesmo concelho de Benliver.

Em 1912<sup>8</sup>, a Capela de São Brás/Virgem da Livração foi entregue à República, juntamente com o restante património eclesiástico de Paços de Gaiolo e, em 1924, requisitada a pedido da corporação encarregue do culto católico. Refere-se, então, que a dita Capela, sita no lugar de Fandinhães, “onde foi já a igreja paroquial, era constituída por adro e leiras circumjacentes que comunicam com a Capela e são a reserva do passal desta freguesia que constitui o Passal do Pároco”<sup>9</sup>.



Capela-mor. Centro do retábulo-mor. Escultura. Virgem da Livração.

<sup>8</sup> Data constante do processo de entrega requerido em 1924 (ver nota seguinte).

<sup>9</sup> SGMF – Comissão Jurisdiccional dos Bens Culturais, Porto, Marco de Canaveses, Arrolamento dos Bens Culturais, Paços de Gaiolo. Entrega à corporação encarregada do culto, da igreja paroquial, várias capelas, suas dependências e vários terrenos, nos termos do Decreto n.º 11887, freguesia de Paços de Gaiolo [1924]. ACMF/Arquivo/CJBC/PTO/MDC/ARROL/024 (Processo).

## O MONUMENTO ENTRE ÉPOCAS

Embora alguns autores aludam ao ano de 1873 como o de um hipotético desmantelamento do corpo da igreja de São Martinho de Fandinhães, o certo é que, já em 1864, ela é referenciada como estando truncada e a estrutura remanescente (capela-mor) em estado deplorável, como atesta o pároco de então: “capellas publicas apenas ha uma a que o vulgo chama de S. Braz que foi como ainda hoje se deixa ver a Cappella maior da Primitiva Igreja cujo orago era S. Martinho de Fandinhães o estado em que se acha he deplorável” (Geralddez, 1864).

Segundo a tradição, por ocasião do desmantelamento do corpo da nave, que se tinha por arruinado, reaproveitou-se a pedra desta para ampliar a atual igreja paroquial da freguesia. A ser assim, a igreja de Fandinhães seria depois reduzida a curato e posteriormente a capela (embora o termo mais adequado seja ermida) e teria sido derribada ainda durante o século XVIII, pois, em 1758, diz-se que a igreja de São Clemente de Paços de Gaiolo já se encontrava “feita ao moderno com boa perspectiva” (Carvalho, 1758), ou seja, apresentava seguramente a sua configuração atual.

No entanto, a mesma fonte documenta, na sua alusão às ermidas e capelas existentes na freguesia: “Acha-se mais a cappella mor da antiga matriz” (Carvalho, 1758). Fica desde já posta de parte a data de 1873 como sendo a do desmantelamento da nave de Fandinhães, pois em meados do século XVIII já apenas existia a capela-mor da antiga matriz. Com base nos dados que até à data foi possível recolher, colocam-se duas hipóteses: ou o desmantelamento é anterior a 1758, tendo sido a pedra aproveitada na edificação da igreja de São Clemente, edificada no século XVII, ou, então, a nave nunca chegou a ser edificada.

A tese proposta por Carlos Alberto Ferreira de Almeida corresponde a esta última possibilidade: a igreja de Fandinhães nunca chegou a ser concluída (Almeida, 1986). Segundo este autor, entre as razões que motivaram a não conclusão do projeto inicial estará o facto de os aldeamentos de maior altitude terem começado a perder interesse a partir dos tempos românicos, tendendo a tornar-se residuais. Recorde-se que, já em 1258, se afirmava o lugar de Paços de Gaiolo, cada vez mais populado, e que, em 1758, o pároco contrapõe Fandinhães (“lugar de zerto e Serra muito áspera”) com o de São Clemente de Paços de Gaiolo (“mais ameno no meyo da Freguezia”). Além disso, há outros dois aspetos que queremos relevar. Por certo que a “Serra muito áspera” não seria propriamente favorável ao transporte dos silhares de uma pretensa nave da Igreja, entretanto demolida. Além disso, a tipologia de paramentos que dá corpo à igreja de São Clemente pouco ou nada tem a ver com aquela que dá corpo a Fandinhães.

Tanto em Portugal, como em toda a Europa, a arquitetura desta época manteve sempre uma profunda relação com o território que a abriga e com o qual se envolve. Podemos quase dizer que há uma relação recíproca entre o edifício românico e o meio ou território que o acolhe: este último justifica a sua implantação, tendo em conta os mais variados fatores, como também o edifício condiciona as vivências do espaço que o hospeda, porque catalisador da vida das populações que dele se servem, ampliando assim a sua força centrípeta. Segundo Jaime Nuño



Igreja paroquial de Paços de Gaiolo  
(Marco de Canaveses).

González, a localização da igreja românica pode ainda comunicar-nos onde se encontrava o núcleo fundacional do povoado e a sua posterior deslocação (Nuño González, 2002: 135).

Se há fatores que explicam a implantação de um edifício românico num dado local (como a proximidade de um rio, a orografia do território, o acesso a vias de comunicação, a densidade populacional e seu dinamismo, a preponderância de uma dada linhagem, as potencialidades agrícolas do território, etc.), estes também podem justificar os avanços e recuos sentidos na própria fábrica românica, deles derivando interrupções construtivas e consequentes atualizações artístico-estruturais (que, como em São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), se identificam através de uma série de incongruências construtivas<sup>10</sup>), reduções do plano original (como é o caso da igreja de Santa Eulália de Arnoso (Famalicão), cuja nave ornada interiormente por altas arcadas cegas estava inicialmente prevista para ser capela-mor) ou, ainda, ampliações feitas sobre o plano primitivamente imaginado (como se tem vindo a propor para o caso da sé de Braga<sup>11</sup>). No caso particular de Fandinhães, a deslocação da população para locais de mais baixa altitude poderá justificar o facto de a fábrica românica ter ficado inconclusa<sup>12</sup>. A este facto poderemos juntar um outro, não menos significativo. Se, até 1302, a Igreja de Fandinhães era do padroado de mais de 21 herdeiros, passando nesse ano para um só, tal não poderá explicar a ausência de recursos que inibiriam a conclusão da edificação de Fandinhães?

Na ausência de dados documentais concretos, neste caso particular só a realização de sondagens arqueológicas nos permitirá chegar a uma conclusão precisa<sup>13</sup>. Se forem identificadas as fundações da nave, comprova-se a tradição do desmantelamento, caso contrário, atesta-se a tese da não conclusão do edifício. Persiste o enigma. Espera-se por resultados. Assim sendo, da primitiva ou projetada Igreja apenas resta hoje a capela-mor, adaptada a capela. Perante os testemunhos remanescentes, estamos diante daquilo que deveria/poderia ter sido um belo templo românico tardio.

Como tal, por ocasião da interrupção da edificação ou do desmantelamento da nave (única) desta Igreja, que foi sede da freguesia de Fandinhães, foi a abside (retangular, mais estreita e mais baixa) adaptada a capela, através do encerramento do arco cruzeiro com uma porta, transformando-o assim em portal principal. Pelo facto de se conservarem ainda os arranques dos muros laterais da nave, rematados ao modo de ruína, este edifício assume no panorama da arquitetura românica nacional um lugar muito peculiar, tendo em conta a sua originalidade.

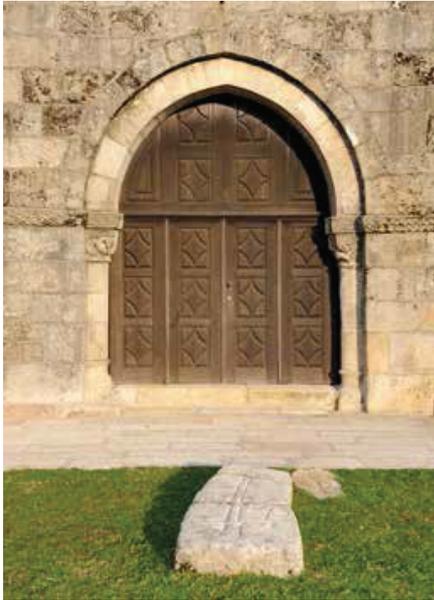
Atentemos ao hoje portal principal, anteriormente arco cruzeiro. Constituído por uma arquivolta algo quebrada e sustentada por volumosas colunas, ostenta motivos relevados ao nível da imposta que, por sua vez, se prolonga ao modo de friso pela atual fachada da Capela. No entanto, um olhar atento facilmente se apercebe da variedade de motivos aqui presentes:

<sup>10</sup> Sobre o assunto veja-se Botelho (2010b: 213-228).

<sup>11</sup> Sobre o assunto veja-se Botelho (2010d: 41-50).

<sup>12</sup> Pode-se estabelecer aqui um paralelismo com o que aconteceu à Igreja de São Mamede de Vila Verde (Felgueiras) que, por ter sido substituída nas suas funções paroquiais por uma nova, erguida em meados do século XIX, viu não só os seus fregueses passarem a habitar num lugar de menor altitude, como acabou por conhecer um paulatino estado de ruína que só em inícios do século XXI foi travado. Para um maior desenvolvimento deste assunto veja-se Botelho (2010c).

<sup>13</sup> Em 2015, está prevista a realização, no âmbito da Rota do Românico, de sondagens arqueológicas visando a confirmação (ou não) da existência das fundações da antiga nave.



Fachada ocidental. Portal e tampa sepulcral.



Fachada ocidental. Portal. Lado norte. Impostas e capitel.

384

entrelaçados, espirais ligadas e círculos enlaçados. Reaproveitamento de parcelas de frisos, seguramente. Intencional, talvez. Cronologia? Montagem coeva da fábrica primitiva da Igreja ou feita já aquando da demolição da nave? Repare-se que no atual adro da Igreja vemos dois silhares que, pelas formas que ainda ostentam, dariam corpo a uma característica cornija sobre arquinhos. Foi a partir da fachada principal da sé velha de Coimbra que este motivo importado se disseminou por amplas manchas do românico português. A julgar pelos vestígios remanescentes, esta Capela de Fandinhães seria, certamente, um edifício bastante elaborado.

Do lado esquerdo do observador, que correspondia ao lado do Evangelho do arco triunfal, vemos um capitel onde se representa o tema das serpentes, cuja cabeça, única, surge na esquina do capitel. Já do lado da Epístola, seguindo um modelo idêntico ao de um dos capitéis do arco cruzeiro da Igreja de Abragão (Penafiel) (Rosas e Sotomayor-Pizarro, 2009: 81-116) e a um dos capitéis do portal principal do Mosteiro de Travanca (Amarante), surgem representadas duas figuras-atlantes de aresta que se apoiam em folhas salientes, facilmente identificáveis apesar da corrosão a que foram sujeitas desde a sua exposição às intempéries. Estamos, assim, diante de bons testemunhos de como os temas representados se adequam ao suporte que a época românica lhes ofereceu, adaptando-se a este e, se necessário, distorcendo a sua forma pristina. É por esta razão que a escultura da época românica nos oferece um leque variado de seres híbridos, fantasistas e de difícil identificação. Por vezes esculpidos de forma mais voluptuosa, outras mais agarrados ao cesto, a verdade é que estes elementos que historicam a escultura são essenciais para a compreensão do espírito e do sabor da época românica, denunciando gostos, regionalismos, escolas e *ateliers*, mas também testemunhando a fé e a espiritualidade dos homens que construíram e que viveram os edifícios que agora estudamos. O estudo da arquitetura da época românica não pode, pois, ser dissociado do estudo da escultura que com ela se casa.



Adro. Silhares. Cornija sobre arquinhos.



Fachada ocidental. Portal. Lado sul. Impostas e capitel.

Este testemunho arquitetónico da época românica é mais uma prova da itinerância de formas e de artistas que tão bem caracterizou este momento da Idade Média. Tal facto é-nos comprovado pela existência de toros diédricos nas frestas da antiga abside da Capela de Fandinhães. Foi a partir da sé do Porto que este elemento de origem francesa se disseminou entre nós, tendo-se assumido como característica primaz do românico desenvolvido em torno desta cidade. Foi Manuel Monteiro quem primeiro chamou a atenção para a especificidade dos toros diédricos dos monumentos portuenses, cujo “arranjo é familiar no Limousin, escola do Sul e Este do Loire” (Monteiro, 1908: 150). Esta influência é bem compreensível se tivermos presente que, em finais do século XII, se intensificaram as relações comerciais e marítimas da região do Porto com La Rochelle (Almeida, 1987: 32).

Assim sendo, com base neste pressuposto, e sabendo que os toros diédricos surgem em Fandinhães na sequência de edifícios como Águas Santas (Maia), Cedofeita (Porto), Travanca ou Cabeça Santa (Penafiel), já por si bastante tardios, devemos colocar a edificação deste templo românico seguramente no século XIII, talvez mesmo já na segunda parte ou mesmo em finais do século, conforme sugeriu Carlos Alberto Ferreira de Almeida (Almeida, 1986: 98) e conforme nos indiciam os dados históricos acima referidos.

Também nas frestas encontramos capitéis ricamente ornamentados, ora ostentando uma figura humana cujas mãos se juntam na aresta do capitel, ora apenas mostrando temática vegetalista. Se já faláramos das influências de origem portuense, Fandinhães é ainda um bom testemunho, em terras de Marco de Canaveses, da presença de elementos de origem bracarense. Falamos da fresta sul onde o tema das chamadas *beak-heads* cria uma composição deveras original, surgindo ao nível do arco envolvente. Este tema animalista, de importação anglo-saxónica, é já comum na região do Tâmega e do Douro, surgindo na fresta do panteão dos Resendes em Cárquere (Resende), no arco triunfal de Tarouquela (Cinfães) ou no portal da torre de Travanca. Disseminado a partir de São Pedro de Rates, este modelo de animais uniafrontados, feitos



Fachada oriental. Fresta



Fachada sul. Fresta.



Igreja de Cabeça Santa (Penafiel). Fachada ocidental. Fresta.



Mosteiro de Cárquere (Resende). Panteão dos Resendes. Fachada oriental. Fresta.



Fachada sul. Cachorro.

com pouca modelação e carregados de grafismos, alcançou uma grande disseminação entre nós. A presença desta temática em Fandinhães é, além disso, um testemunho da cronologia tardia deste edifício e que não deve ser seguramente anterior a meados do século XIII. No arco interior da fresta, sob o toro diédrico, surgem aduelas ornadas por “ee” invertidos e por um motivo que, não fora o grande desgaste sofrido, diríamos ser um denticulado ou um zigzagueado.

De entre os cachorros, destacam-se uns quantos que ostentam motivos escultóricos. Na sua maioria lisos, estes apresentam uma forma mais quadrangular, indiciando uma cronologia tardia. No lado norte, alguns deles ostentam uma ornamentação de sabor geométrico – uma meia esfera, rolos, simples figuras geométricas. Dois cachorros representam figuras humanas, algo estilizadas. No alçado sul devem-se destacar dois cachorros historiados. Ambos com representação humana, um deles posiciona-se na extremidade do alçado, no ângulo criado com a parede fundeira. O outro, já mais próximo do arranque daquilo que foi a nave, recorda, pela posição e pelo tema, um exemplar congénere existente na capela-mor de Tarouquela e hoje resguardado pela capela gótica de São João Baptista. Embora o cachorro de Fandinhães esteja bastante mais corroído pela erosão, estamos também aqui diante de um testemunho do *exibicionista*, que, ao modo de atlante, suporta a parte superior do cachorro. Trata-se de um homem acorçado, representado nu, mas com a mão direita nos órgãos genitais e a mão esquerda no rosto, repetindo o mesmo esquema, mas de forma inversa. É comum ao românico europeu a iconografia com temas provocatórios e obscenos, embora sejam muito frequentes temas menos explícitos, mas igualmente alusivos ao pecado da luxúria, como as sereias (Nuño González, 2006: 203), as mulheres acompanhadas de serpentes ou estas últimas sozinhas, e que cremos ver representadas no capitel do atual portal principal, no mesmo lado sul.

387



Fachada norte. Cachorros e fresta.



Fachada sul. Cachorros e fresta.

Também a nave estaria dotada de cachorrada, a julgar pelos dois exemplares que persistem de cada lado, ao nível do alinhamento do arco triunfal. Se do lado norte vemos representada uma ave (um pelicano?), já do outro lado vemos uma nova aproximação à temática do *exibicionista*. Um homem segura com ambas as mãos a sua barba, representada de forma estilizada, recordando o desenho da tipologia identificada por Jaime Nuño González (2006: 206) na igreja espanhola de San Martín de Elines (Valderredible) ou a figura da mísula que, do lado direito, sustenta o tímpano do portal principal de Paço de Sousa (Penafiel).





Fachada sul. Mísula.



Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel). Fachada ocidental. Portal. Mísula.

No espaço que outrora pertencera ou pertenceria à nave, duas lajes identificam duas sepulturas. A de maiores dimensões tem gravada uma espada, bastante estereotipada: lâmina, guarda reta e punho. Na outra laje, mais pequena, foi desenhada uma simples cruz.

Conserva-se, ainda, sobre o atual portal principal, a fresta voltada a poente que iluminaria o corpo da nave, embora tenha sido tapada por um painel de azulejos policromos, recente, com uma imagem da Virgem com o Menino.

No interior da Capela, a parede fundeira é ocupada pelo retábulo-mor organizado em três painéis, definidos por colunas torsas que sustentam um entablamento de sabor classicizante. Parras e cabeças de anjo constituem os motivos ornamentais policromos que interrompem esta estrutura de talha dourada sobre fundo branco. Em cada um dos painéis uma peça de imaginária: Nossa Senhora da Livração, ao centro, é ladeada por São Brás, no lado da Epístola, e por São Martinho, no lado do Evangelho.

Digno de destaque é o frontal de altar, formado por azulejo de aresta de sabor mudéjar, formando uma composição geométrica tipo “tapete”, composta por um motivo floral estrelado envolvido por um círculo. Desenvolvida a partir de cerca de 1500, a técnica da aresta foi a produção que mais chegou a Portugal. Definindo uma cova, os moldes com reentrâncias vão imprimir o motivo sobre a placa de barro cru, definindo pequenas arestas entre as diferentes cores, criando uma espécie de perfil saliente e que impede a mistura dos vidrados durante a cozedura (Meco, 1989: 38-39). Recordem-se os exemplares de frontais de altar, geograficamente próximos, dos retábulos colaterais da Igreja de Escamarão (Cinfães).



Fachada norte. Mísula.

Este enigmático edifício de Fandinhães integrou a Rota do Românico em 2010 e, em março de 2012, foi aprovado o projeto de decisão relativo à classificação como Monumento de Interesse Público e à fixação da sua zona de proteção<sup>14</sup>. [MLB / NR]



Fachada ocidental. Nicho. Painel de azulejos. *Virgem com o Menino.*



Capela-mor. Retábulo-mor e frontal de altar.

## CRONOLOGIA

1258: Fandinhães era Igreja do padroado dos descendentes de um arqui-diácono de Viseu;

Século XIII (2.ª metade): edificação da Igreja de Fandinhães tendo em conta os vestígios românicos remanescentes;

1302: os familiares e padroeiros da igreja de São Martinho de Fandinhães doam o direito de padroado ao bispo do Porto, D. Geraldo Domingues (1300-1308);

Século XVI (inícios): execução dos azulejos mudéjares do frontal de altar do retábulo-mor;

1690: documenta-se a ermida de São Clemente em Paços de Gaiolo;

1758: a população da freguesia de Paços de Gaiolo já se concentrava, na sua maioria, nas vertentes sul e oeste do braço da serra de Montedeiras;

– o padroado de Fandinhães estava nas mãos dos Almirantes do Reino;

– a Igreja de Fandinhães ainda é referida como de São Martinho;

Século XVIII (finais): São Clemente e São Martinho constituem já uma única freguesia;

1864: a nave da Igreja já fora desmantelada;

1912: o acervo e Capela de Fandinhães foram entregues à República Portuguesa;

1924: a corporação encarregue do culto católico requisitou a Capela ao Estado;

2010: a Capela de Fandinhães passa a integrar a Rota do Românico;

2012: a Capela de Fandinhães é classificada como Monumento de Interesse Público.

## BIBLIOGRAFIA E FONTES

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986.
- \_\_\_\_\_ – Influências francesas na arte românica Portuguesa. In COLLOQUE HISTOIRE DU PORTUGAL, HISTOIRE EUROPÉENNE, Paris, 1986 – Actes. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1987. Colóquio realizado a 22 e 23 de maio de 1986.
- \_\_\_\_\_ – Território paroquial de Entre-Douro-e-Minho: sua sacralização. *Nova Renascença*. Vol. 1, n.º 2 (1981).
- ANÚNCIO n.º 6651. *D.R. Série II*. 63 (2012-03-28) 11139-11140.
- BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO – *Censual do cabido da sé do Porto*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1924.
- BOTELHO, Maria Leonor – *A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal*. Porto: Universidade do Porto, 2010a. Dissertação de doutoramento em história da arte portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.
- \_\_\_\_\_ – Igreja de São Pedro de Rates. In PÉREZ GONZÁLEZ, José María – *Arte românica em Portugal*. Aguiar de Campoo: Fundación Santa María la Real – C.E.R. / Fundación Ramón Areces, 2010b.
- \_\_\_\_\_ – *São Mamede de Vila Verde: um testemunho tardio do românico do Vale do Sousa*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras, 2010c.
- \_\_\_\_\_ – Sé de Braga. In PÉREZ GONZÁLEZ, José María – *Arte românica em Portugal*. Aguiar de Campoo: Fundación Santa María la Real - C.E.R. / Fundación Ramón Areces, 2010d.
- CARDOSO, Jorge – *Agiologio lusitano...* Lisboa: na Officina Craesbeckiana, 1652.
- CARVALHO, Manuel Machado de – [Memória paroquial de] Fandinhães [Manuscrito]. 1758. Acessível em ANTT, Lisboa. PT-TT-MPRQ-15-17.
- COSTA, A. Carvalho da – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...* Lisboa: Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712.
- COSTA, Avelino Jesus da – *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959.
- CUNHA, Rodrigo da – *Catalogo e historia dos bispos do Porto*. Porto: João Rodríguez, 1623.
- DAVID, Pierre – *Études sur la Galice et le Portugal du VIe au XIe siècle*. [Coimbra]: Institut Français au Portugal, 1947.
- GERALDEZ, Júlio Carneiro – Missiva, 20 de novembro de 1864 [em linha]. IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREMN [processo digitalizado].
- HERCULANO, Alexandre, dir. – *Portugalliae monumenta historica : o saeculo octavo post christum usque ad quintumdecimum: inquisitiones*. Lisboa: Tipografia Nacional, 1936.
- MARTINS, Manuela – "As vilas do norte de Portugal" de Alberto Sampaio. *Revista de Guimarães*. N.º 102 (1992) 389-409.
- MECO, José – *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

MONTEIRO, Manuel – *S. Pedro de Rates: com uma introdução à cerca da arquitectura românica em Portugal*. Porto: Imprensa Nacional, 1908.

MOREIRA, Domingos A. – Freguesias da diocese do Porto: elementos onomásticos alti-medievais. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. 2 (1984) 7-86.

NUÑO GONZÁLEZ, Jaime – Detrás de lo artístico: otras formas de mirar el edificio románico. In *Perfiles del arte románico*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real – C.E.R., 2002.

\_\_\_\_\_ – Hacia una visión de la iconografía sexual: escenas procaces y figuras obscenas. In *Poder y seducción de la imagen románica: atas VII curso de iniciación al románico*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real, 2006.

PORTUGAL. Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território – IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREM. Ministério das Obras Públicas, Distrito do Porto [processo digitalizado].

PORTUGAL. Ministério das Finanças – Secretaria-geral – Arquivo – Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Porto, Marco de Canaveses, Arrolamento dos Bens Culturais, Paços de Gaiolo. Entrega à corporação encarregada do culto, da igreja paroquial, várias capelas, suas dependências e vários terrenos, nos termos do Decreto n.º 11887, freguesia de Paços de Gaiolo [1924]. ACMF/Arquivo/CJBC/PTO/MDC/ARROL/024 (Processo).

RESENDE, Nuno – A paróquia do Santíssimo Salvador de Pereiros. In FERNANDES, A. Silva – *Pereiros: São João da Pesqueira*. [S.l.]: Associação dos Amigos de Pereiros, 2011.

ROSAS, Lúcia Maria Cardoso; SOTOMAYOR-PIZARRO, J. A. de – Território, senhores e património na Idade Média. In AGUIAR, Alexandre, coord. – *Marco de Canaveses: perspectivas*. Marco de Canaveses: Câmara Municipal, 2009. Vol. 1, p. 81-116.

SAMPAIO, Alberto – *Estudos históricos e económicos: as vilas do norte de Portugal*. Lisboa: Editorial Vega, 1979.